



Zilda Maria Beltrão Fraletti

zildafraletti@revistalush.com.br

Zilda Fraletti graduou-se em Psicologia, mas seguiu o caminho das artes. Morou em Londres onde aprofundou seus estudos sobre o tema e trabalha como marchande há 24 anos. Fundou em Curitiba a primeira galeria de arte contemporânea, que leva seu nome. Na Lush, ela divide sua experiência e impressões a respeito do desenvolvimento de novos artistas e da constante mutação que vive o mundo das artes plásticas.

Arte Contemporânea Um Mercado em Ebulição

Nos últimos 25 anos a arte contemporânea brasileira atingiu um patamar antes inimaginável, o que só foi possível depois que ela se globalizou, passando a prescindir de manifestos para se afirmar; e esta é uma característica própria aos artistas contemporâneos em todo o mundo. **Para entrar no circuito internacional, a arte deve ser original, internacional e sem dependências ideológicas, segundo Fernando Cordero de La Lastra, galerista de Madri.**

Apesar de se identificar muitas vezes o imaginário de cada país por baixo da obra de seus artistas, não existe mais uma rotulação imposta de acordo com sua procedência. São artistas e ponto. Alguns de nossos artistas mais valorizados moram e produzem fora do Brasil, assim como muitos artistas dos mais variados países. Suas carreiras acontecem pelo mundo todo, mas eles têm uma base em seus países de origem, que lhes dá impulso e referência.

Nos últimos anos as bienais entraram em crise, dando espaço às grandes feiras de arte, que estão se multiplicando e mudando as relações entre artistas, mercado e público. Atualmente existem 213 delas e são as grandes vitrines da produção mundial. **Assim como as feiras, as bienais também apresentam as vanguardas, provocam reflexões sobre os caminhos da arte e criam tendências.** Porém não têm compromisso com o mercado.

A obra de **Adriana Varejão** faz uma ponte entre a modernidade e as convulsões físicas e mentais do barroco brasileiro, através da releitura de elementos visuais incorporados à nossa cultura pela colonização, como a pintura de azulejos portugueses. Seus trabalhos mais recentes trazem referências voltadas para a arquitetura e abordam questões tradicionais da pintura, como cor, textura, perspectiva. A artista marca presença nas principais coleções do Brasil e do mundo. **Figura de Convite | 1997, óleo sobre tela.**

Ernesto Neto é considerado um dos líderes da cena contemporânea brasileira. Ele trabalha com tecidos elásticos recheados de contas, areia ou outros materiais que permitem operar a tensão, transparência e equilíbrio. Suas peças tridimensionais fazem alusão ao orgânico e ao corporal.



Tarsila do Amaral - Abaporu

O mercado de arte contemporânea está em ebulição. Segundo a consultoria francesa Artprice, as cotações cresceram 233% entre setembro de 2001 e julho de 2007. Outro estudo europeu aponta um salto nas transações do mercado de arte de U\$ 42,5 bilhões em 2002 para U\$ 66,4 bilhões em 2006. **O Brasil está em evidência por apresentar artistas de altíssima qualidade e preços bastante razoáveis comparativamente.**

Entre os muitos artistas brasileiros que se destacam internacionalmente estão **Waltercio Caldas, Ernesto Neto, Vik Muniz, Tunga, Cildo Meireles, Sandra Cinto, José Damasceno, Adriana Varejão e Beatriz Milhazes(*)**.

Beatriz é a artista plástica brasileira em atividade mais valorizada nos leilões mundiais. Sua tela "O Mágico" foi adquirida em maio deste ano por U\$ 1,049 milhão. O comprador foi o colecionador argentino Eduardo Costantini. O mesmo que, em 1995, adquiriu a tela "Abaporu", de Tarsila do Amaral, por U\$1,43 milhão.

Beatriz Milhazes - Tela *O Mágico* - leiloadá por mais de U\$ 1 milhão.



(*) A exposição **"Beatriz Milhazes: Pintura e colagem"** acontece na Estação Pinacoteca, em São Paulo, até o dia 30/11/2008.



Beatriz Milhazes
Figo
gravura - 2006
178 x 119 cm.



Beatriz Milhazes
Pacaembu
acrílica sobre tela - 2004
268 x 343 cm.

Uma das questões que se impõem é a de que, com o mercado aquecido, alguns artistas produzem muito e rapidamente para acompanhar a necessidade das galerias, o que pode comprometer o processo criativo. Muito cuidado tem que ser tomado para evitar que isto ocorra.

A carioca Beatriz Milhazes, por exemplo,

produz no máximo seis obras por ano. Ela criou uma estética própria em que flores, círculos e colagens apresentam-se em uma harmonia cromática sofisticada e elaborada. Seu maior trunfo é ter conquistado, simultaneamente, uma excelente aceitação por parte do críticos, público e mercado. ▲